



TERÊNCIO

COMÉDIAS

II

TERÊNCIO

COMÉDIAS

II

Introdução, tradução do latim e notas
de WALTER DE MEDEIROS e AIRES PEREIRA DO COUTO

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2008

INTRODUÇÃO

NOTA PRÉVIA

A esta versão portuguesa serviu de base o texto estabelecido por R. Kauer e W. M. Lindsay [Oxford, Clarendon Press, 1926; suppl. O. Skutsch, 1958 (1961)]. As poucas alterações que lhe introduzimos encontram-se assinaladas em nota.

Ao Professor Doutor Walter de Medeiros é devida uma palavra de profundo agradecimento por, com o seu profundo e generoso saber, ter contribuído para esta tradução com inúmeras sugestões.

1. A história

Apresentação da intriga

Estamos em Atenas, numa praça onde se localizam as casas de dois irmãos, Demifão e Cremes, e de um alcoviteiro, Dorião.

O escravo Davo espera o seu compatriota Geta, escravo como ele, para lhe pagar uma velha dívida. Este chega e, rapidamente, põe o outro ao corrente de uma situação que o aflige profundamente: o seu velho patrão, Demifão, e o irmão dele, Cremes, partiram em viagem, o primeiro à Cilícia, o segundo a Lemnos, e deixaram à sua guarda os seus dois filhos: Fédria, filho de Cremes, e Antifão, filho de Demifão. Todos sabemos quanto é difícil manter os jovens sob rédea curta. E então para um escravo, é um verdadeiro trabalho de Hércules. Não é, pois, de admirar que bem depressa eles se tenham emancipado desta tutela. Fédria apaixonou-se por uma escrava tocadora de cítara — Pânfila — propriedade de Dorião, um alcoviteiro que pede trinta minas por ela. Fédria está muito apaixonado, mas onde arranjar dinheiro suficiente para comprar a sua amada? Antifão, por sua vez, fez bem pior: casou-se precipitadamente com Fânio, uma órfã sem dote, casamento que o seu pai dificilmente aceitará, não fosse ele um velho avaro! Este casamento foi engendrado por um parasita espertalhão e descarado, um tal Formião, que montou toda uma estratégia ao abrigo de uma lei ateniense que estabelece que o parente mais próximo de uma órfã sem fortuna deve casar com ela ou atribuir-lhe

um dote de cinco minas. Formião, fingindo ter sido amigo do falecido pai da jovem, limita-se a testemunhar que Antifão era o parente mais próximo da jovem moça e que, por isso, este devia casar com ela. Este depoimento, como se esperava e desejava, convenceu o tribunal, que condenou Antifão ao almejado enlace.

Está, pois, apresentada a intriga. Vejamos então, agora, como é que, com o regresso dos pais, cada um dos dois jovens apaixonados vai resolver a sua situação: Fédria, arranjar o dinheiro necessário para comprar a jovem tocadora de cítara; Antifão, fazer que o seu pai aceite o seu casamento com a órfã.

O regresso de Demifão

A acção começa precisamente com o aparecimento em cena de Antifão e de Fédria, que se lamentam da sua sorte: um queixa-se porque tem uma mulher, o outro porque não tem; um receia perdê-la, o outro nunca a conseguir obter. Nenhum deles está muito seguro, particularmente Antifão, que quase chega a deplorar o ter-se casado. Esta dupla lamentação é interrompida pela entrada de Geta, o seruus currens que aparece sem ver nada nem ninguém. Antifão tem mesmo de lhe gritar para o parar. Geta, regressado do porto, traz a notícia do regresso do seu patrão, o que deixa Antifão verdadeiramente aterrorizado, de tal modo que se põe em fuga, não sem antes recomendar a Geta e a Fédria a sua mulher Fânio e a sua própria vida.

À chegada de Demifão, Geta e Fédria começam por se esconder para escutarem as suas primeiras palavras. O velho, afinal, parece estar menos furioso do que aquilo que se previa, e parece sobretudo curioso em saber como é que o vão convencer a aceitar o casamento do filho. Aproveita, entretanto, para criticar Fédria e Geta pela irresponsabilidade que demonstraram em todo este caso. Estes tentam justificar a atitude do pobre do Antifão: um jovem tímido, incapaz de se defender convenientemente em tribunal. Que podia ele fazer? Dar um dote à moça? E onde encontrar o dinheiro? Compreende-se que tenha baixado a cabeça e casado com a desconhecida. Mas Demifão é que não aceita esta explicação e afirma que é necessário encontrar um meio para sair desta situação absurda. Pede então que lhe tragam sem demora Antifão e Formião para falar com eles.

O primeiro ataque de Formião

Decorrido pouco tempo, aparece Formião acompanhado por Geta e chega também, por sua vez, Demifão acompanhado de três amigos para que estes o ajudem na defesa da sua causa. Formião, seguro de si, opta pelo ataque e cria uma discussão previamente combinada com Geta. Este ataque deixa Demifão perplexo e preocupado. Esta perplexidade aumenta ao longo da cena seguinte com os conselhos contraditórios dos seus três amigos «advogados». Perante tais «ajudas», Demifão decide esperar pela chegada de Cremes.

O caso de Fédria

O regresso à cena de Antifão, profundamente triste, leva Geta a fazer, em poucas palavras, o balanço da situação, que, entretanto, não teve qualquer desenvolvimento.

Cada vez mais complicada está a posição de Fédria, que, numa missão quase impossível, tenta convencer o negociante de escravos a não vender Pânfila a um militar. Depois de muita insistência, consegue o seguinte acordo: o soldado ficou em trazer o dinheiro no dia seguinte de manhã; se Fédria o trouxer primeiro... Pânfila será dele.

É urgente, pois, encontrar o dinheiro necessário para a compra de Pânfila. Antifão, sensibilizado com a situação dramática do primo, procura ajudar a resolver o problema de Fédria, sugerindo a Geta que tente extorquir ao pai as trinta minas necessárias à compra de Pânfila. Depois de certa resistência inicial, Geta acaba por deixar-se convencer e engendra imediatamente um plano de acção, mas é necessário que Formião lhe dê uma ajuda no negócio. O recurso ao parasita leva a que, a partir de agora, as duas acções se combinem: o parasita surge como o seu elo de ligação.

O regresso de Cremes

Sabíamos que Cremes tinha partido para Lemnos (cf. 66); conhece-se agora (567 e segs.) a razão da sua viagem: enquanto ad-

ministrava alguns bens da esposa em Lemnos, manteve uma relação amorosa com uma mulher de quem teve uma filha, que estava agora em idade de casar; tinha, por isso, ido procurá-la para, com o acordo do irmão, a dar em casamento ao sobrinho Antifão, a fim de não ter de dar explicações da sua vida íntima a nenhum estranho. Mas a mãe da jovem, cansada de esperar pelo seu antigo sedutor, tinha vindo ao encontro dele. Isto não traria grandes problemas a Cremes se, ao regressar a Atenas, não tivesse deparado com o sobrinho casado com uma desconhecida. Desolado, Cremes pensa que, depois de encontrar a filha, será forçado a dá-la em casamento a um estranho, a quem terá de revelar o seu segredo, e a notícia, mais cedo ou mais tarde, acabará por chegar aos ouvidos da mulher — Nausístrata. E nessa altura só lhe restará uma saída: partir de mãos a abanar.

A única solução é desfazer o casamento de Antifão e afastar a intrusa.

É então que reaparece Geta, feliz por ter convencido Formião a aliar-se aos apaixonados. Ao aperceber-se da presença de Cremes e de Demifão, vê logo uma possibilidade de tirar partido deste regresso: vai poder jogar mais à vontade em dois campos.

O plano de Geta

Antifão entra logo depois de Geta, a tempo de assistir à cena em que o escravo põe em prática o seu estratagema.

Geta conta-lhes que teve uma conversa com Formião e que o convenceu a resolver as coisas a bem, lembrando-lhe que seria bem provável que Demifão vencesse a causa em tribunal. Informa-os ainda de que o parasita, apesar de se ter mostrado, de início, renitente, acabou por aceitar casar-se com a jovem Fânio, em troca de trinta minas. A proposta irrita Demifão, mas Cremes, que, apesar do alto preço, vê nisto um bom negócio, aceita pagar, e o velho, ainda que contrariado, disponibiliza-se para fazer negócio com o parasita.

É claro que Antifão, que ouviu tudo, está desesperado com a ideia de perder a sua amada, mas Geta acalma-o: o objectivo era, simplesmente, arranjar dinheiro e ganhar tempo. Quanto a Formião, que é um espertalhão, encontrará certamente o meio de adiar a data do seu suposto casamento, e de descobrir, entretanto, amigos que lhe arranjem o dinheiro tirado a Cremes, para depois o devolver. O pobre do Antifão fica pouco convencido, mas... só lhe resta ter esperança.

Entretanto Demifão regressa e traz consigo as trinta minas para serem entregues a Formião.

O golpe de teatro

Mas sobrevém um golpe de teatro. Depois da saída de Geta e de Demifão, Cremes encontrou Sófrona, a ama de Fânio, que lhe contou uma história admirável: a protegida de Formião, a tal Fânio que casara com Antifão, é a própria filha de Cremes! Escusado será dizer

que o velho ficou radiante. De modo nenhum se põe, agora, a questão de separar a moça do seu marido, já que ela se encontra casada com Antifão, que era o que Cremes mais desejava.

Não há, pois, tempo a perder. Cremes vai, de imediato, tentar impedir que o seu irmão dê o dinheiro ao parasita, já que as coisas devem permanecer exactamente como estão. Mas à conversa de Cremes com Sófrona assistiu, escondido, Geta, que, como seria de esperar, se apressou a contar a admirável história a Antifão e a Formião.

Entretanto, Cremes, muito agitado, pede ao irmão que suspenda o acordo com o parasita, mas é tarde de mais: Formião já tinha recebido o dinheiro. Só resta descobrir uma forma de o recuperar, «antes que ele o esbanje». Mas não vai ser fácil, pois Formião, ao saber, por Geta, que Fânio é filha de Cremes e que os dois velhos desejam mantê-la em casa, como esposa de Antifão, pensa logo em aproveitar-se da nova situação. Para isso, resolve desempenhar o papel de homem de palavra, e dirige-se imediatamente para junto dos dois velhos para lhes dizer que está disposto a fazer o que eles pediram: casar com Fânio; e, para isso, até já rompeu com a sua noiva!

Chegamos assim ao momento mais empolgante da história, aquela em que as duas partes se preparam para uma tentativa de engano mútuo, num verdadeiro jogo de parada e resposta que constitui uma verdadeira paródia jurídica que descamba em cena de violência¹.

¹ Cf. Marouzeau, p. 191, n. 1.

O segundo ataque de Formião

Os velhos sugerem a Formião que fique tudo como está, para evitar o falatório do povo. Mas o parasita está decidido a fazer aquilo que se tinha acordado, pois, embora pobre, orgulha-se de ser homem de palavra. Quando Demifão pede a Formião que lhe devolva as trinta minas, este responde-lhe que, se porventura têm razões especiais para ficar com a jovem, ele, então, ficará com o dinheiro, já que, para cumprir a palavra dada, rompera com a noiva, renunciando assim a proveitoso casamento. E não é justo que ele seja prejudicado. Irritado com a recusa do parasita, Demifão começa a ameaçá-lo. É então que Formião, irónico, responde da mesma moeda, dizendo que sabe de uma história que talvez lhe possa ser útil neste momento: «Conheci aqui», diz ele, «uma esposa cujo marido tinha outra em Lemnos, da qual teve uma filha...» (941-942). Ao ouvir estas palavras, Cremes sente-se perdido, mas Demifão encoraja-o e os dois irmãos decidem enfrentar o parasita, até porque o segredo acabará mesmo por ser divulgado, e, por isso, o melhor é confessar tudo a Nausístrata, a mulher de Cremes, para, de seguida, poderem ajustar contas com Formião. A discussão torna-se cada vez mais calorosa e violenta. Formião apercebe-se de que, para pôr ponto final na discussão, só lhe resta gritar por Nausístrata.

Quando esta aparece à porta de casa, faz-se silêncio, e enquanto Cremes, a tremer, não sabe como enfrentar a situação, Formião vai-se divertindo enquanto revela a Nausístrata o segredo do marido.

Perante a ira de Nausístrata, revoltada com um crime tão «horrível e infame» praticado por um homem igual àqueles que, «quando vêm para junto das esposas, logo fazem de velhos!» (1010), Demifão tenta, com um discurso conciliador, que o irmão seja perdoado. Quando parece que Nausístrata está já disposta a perdoar o marido; Formião, escolhendo o momento propício, aproveita para falar das trinta minas que ele, com uma aldrabice, conseguiu extorquir, mas que serviram para que Fédria comprasse uma tocadora de cítara por quem estava apaixonado. Cremes ainda esboça críticas ao filho, mas Nausístrata pergunta-lhe de imediato como ousa censurar o filho, quando ele próprio teve duas mulheres? E deixa tudo ao critério do filho; ela fará o que ele decidir.

Um remate feliz

É claro que este desfecho é do agrado de Formião, que obtém uma vitória total, coroada com um convite para jantar em casa de Nausístrata.

Apesar de Formião ter sido o grande vencedor de toda a história e, por isso, passar a ter sempre um lugar reservado à mesa de Cremes, a felicidade acabou por, no final da peça, bater à porta de praticamente todos: Antifão e Fânio permanecem juntos; Fédria consegue ficar com a mulher amada, sem ter de se preocupar com a res-

tituição do dinheiro; Demifão vê o filho casado com a filha de Cremes e não com uma órfã qualquer; e até Cremes ficou aliviado, ao ver a filha casada com Antifão e ao conseguir o perdão da mulher. Tudo está bem quando acaba bem.

2. A estrutura

O tema desta peça foi retirado do Epidicazomenos de Apolodoro de Caristo, um comediógrafo grego cuja actividade se situou aproximadamente entre os anos 300 a. C. e 250 a. C. Até que ponto o poeta latino se serviu do original grego para a sua composição, ou até que ponto foi inovador, é algo que não podemos estabelecer, por se ter perdido o texto de Apolodoro.

De todas as peças de Terêncio, o Phormio é a única que não apresenta o título original grego (cf. 25-26). Este, por razões não totalmente esclarecidas, foi substituído pelo nome do verdadeiro protagonista da intriga — o parasita Formião².

² Sobre as possíveis razões desta substituição, vide Marouzeau, pp. 105-107.

Pela sua vivacidade e equilíbrio na distribuição das partes e dos episódios, esta peça é talvez a mais teatral das comédias de Terêncio, não inferior certamente, neste aspecto, ao Eunuchus ou aos Adelphoe ³.

As duas intrigas amorosas — ficará Antifão com a sua mulher?, Fédria conseguirá a sua tocadora de Cítara? — estreitamente ligadas, e ricas em peripécias, resultam numa acção bastante movimentada, que se resolve com um único estratagema. Um único golpe de teatro — a revelação do nascimento de Fânio — basta para resolver os problemas de todos. A fortuna permitiu que aquilo que era mentira e ficção se transformasse em realidade e verdade.

A acção é fácil de seguir e progride do princípio ao fim, numa marcha contínua, sem falhas nem solavancos, o que faz desta peça uma das mais bem construídas no conjunto da obra de Terêncio.

A verosimilhança psicológica surge, na peça, como o motor das mudanças de atitude nas personagens. São os discursos — que obtêm a sua eficácia não da sua verdade mas da sua verosimilhança — os principais responsáveis pelo avanço da acção. Fédria consegue enganar Demifão através de um discurso verosímil, apesar de este conhecer bem a manha dos jovens (cf. 266-268); os apartes de Geta mostram aos espectadores a eficácia das mentiras de Fédria (cf. 259, 278, 285). O poder da verosimilhança é tal que Antifão, apesar de ter sido

³ Cf. Pratesi, p. 15.

*avisado dos estratagemas de Formião, comenta, desesperado, em aparte, as palavras de Geta, convencido de que vai perder a sua querida Fânio (cf. 626-672). Terêncio usou, no Phormio, a verosimilhança psicológica essencialmente como técnica de estratagema, integrando-a num tipo de cena bem conhecida do público: as mentiras do escravo*⁴.

3. Personagens

A análise das personagens é o que mais conta para Terêncio. Não admira, pois, que também nesta peça as personagens sejam retratadas com a habitual mestria, procurando exprimir o estado de alma, os sentimentos da paixão e da razão. Os caracteres das personagens colocam-se, à excepção de Formião — um parasita totalmente diferente daquele que aparece no Eunuchus —, na habitual galeria de personagens do autor e no problema das relações entre pais e filhos. Mas a sua análise psicológica é, segundo um processo grato a Terêncio, aprofundada através de contrastes entre personagens com papéis simétricos: dois velhos irmãos, Cremes e Demifão; e dois jovens primos, Fédria e Antifão.

⁴ Vide Dupont, (1985), pp. 377-380.

No que respeita aos dois velhos, Cremes é essencialmente um homem fraco e tímido, que vive dominado pela mulher de quem tem verdadeiro pavor. Ele tem consciência do erro que cometeu e tem medo de pagar por ele, por isso tem de ser submisso, humilde e capaz de suplicar para tentar evitar o castigo que sabe que merece. Todo o seu comportamento está dominado por este medo que lhe tira o sossego e a serenidade. É uma figura enganadora, pois a sua brandura e a sua indulgência para com os jovens têm uma causa psicológica pouco honrosa: pretende esconder da esposa o facto de ter tido, em Lemnos, uma filha de outra mulher. Está pronto a tudo pagar para o conseguir. Há uma dramatização do papel de Cremes, que introduz uma verosimilhança psicológica ⁵.

Completamente diferente de Cremes é Demifão, um homem severo, intransigente, enérgico e decidido, senhor da sua dignidade e do seu dinheiro, um homem que se não deixa enganar facilmente. Tem energia por si e pelo irmão e não perde facilmente a coragem. Demifão representa o iratus senex, cuja ira constitui uma personagem em si: somos informados da sua fúria, prevê-se, é descrita, espera-se acalmá-la, anuncia-se uma acalmia, receia-se o seu regresso ⁶.

⁵ Cf. *ibid.*, p. 377.

⁶ Cf. *ibid.*, p. 376.

Os dois jovens — Fédria e Antifão — apresentam, também eles, caracteres opostos. Fédria é desinibido, audaz, activo, mas vive completamente absorvido pela sua paixão, de tal modo que se torna humilde e suplicante diante do alcoviteiro.

Antifão aparece como um assustado defensor de uma esposa que está em risco de perder. É educado, bom, moderado, obediente, respeitador do pai. O facto de se ter apaixonado perdidamente por Fânio levou-o a praticar, a conselho de Formião, um acto que, em condições normais, nunca praticaria. Mas sofre muito com medo das consequências que esta imprudência lhe pode trazer. O pensamento do regresso do pai e o medo das suas críticas e dos seus castigos atormentam-no continuamente e, se pudesse, voltaria atrás naquilo que fez. Antifão não tem carácter enérgico e decidido como o seu pai: pelo contrário, é um tímido e um fraco. Este contraste entre Antifão e Demifão é visível também entre Fédria e o seu pai Cremes. À audácia e energia de Fédria corresponde a timidez e a fraqueza de Cremes.

À volta destas personagens, que constituem o fulcro do enredo, movem-se outras, com relevo para o parasita Formião, o verdadeiro senhor da situação, um homem que se afasta do conceito habitual de parasita. Tem um carácter que o distingue nitidamente de todos os outros parasitas: é generoso e desinteressado. Formião é um homem ardiloso e cheio de expedientes, decidido na actuação, hábil na palavra, capaz de inculcar coragem aos seus amigos e desconcertar os seus adversários. A sua faceta de parasita só transparece um pouco quando, no final da peça, depois de ter resolvido o assunto

de Fédria, resolve pensar em si e se faz convidar para jantar. Em tudo o resto agiu desinteressadamente em defesa dos interesses dos seus jovens amigos. Em suma, Formião não é propriamente um vulgar parasita, a sua dedicação e o seu entusiasmo fazem dele um parasita simpático, verdadeiramente digno de dar o seu nome ao título da peça.

Fundamental para o desenrolar da acção é também o papel de Geta, o escravo de Demifão, um escravo esperto e audaz que, embora não sendo o ardiloso inventor de estratégias, habitual nas peças de Plauto, põe em prática, contudo, com especial habilidade, as suas artimanhas, não para prejudicar o seu velho amo, mas sim para ajudar o seu jovem patrão. Fá-lo desinteressadamente, sem recear as consequências que porventura sofrerá.

Nausístrata, a «terrível» esposa de Cremes, é uma mulher autoritária que gostaria de ter nascido homem para defender os seus interesses, já que o marido o faz tão mal. Sabe que o marido é fraco, por isso toma ela as rédeas da casa. Embora Cremes, por ter medo dela, a retrate como uma fera, a verdade é que ela tem bom coração e nem quando fica a saber da infidelidade do marido se mostra realmente violenta. Deixa transparecer que, tal como perdoou ao filho a sua aventura amorosa, também vai perdoar ao marido.

Em papéis secundários surgem Sófrona, Dorião e os três «advogados».

Sófrona, a velha ama, é uma boa mulher, afeiçoada e devotada à jovem patroa, de quem defende os interesses.

Dorião, o alcoviteiro ávido e calculista, é insensível a todas as súplicas, apenas quer dinheiro, a palavra dada de nada vale. Não obstante a sua profissão, ignominiosa mas tolerada pela lei, e apesar de a sua linguagem ser cínica e irónica, dificilmente alguém conseguirá ver nele um ser odioso e repugnante. A verdade é que para Terêncio não há seres humanos perversos ou sórdidos.

Os três «advogados» — pouco mais do que simples figurantes — são excelentes caricaturas de homens que falam com altivez mas que não dizem nada.

Esta peça, plena de vivacidade, e representada com êxito, agradou ao público na sua primeira representação, nos Jogos Romanos de 161 a. C., e viria a ter uma segunda representação em 141 a. C.